



## Imagen arpíllera e o protagonismo de mulheres

Ralyanara Freire<sup>17</sup>

Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

**Resumo:** Nesta escrita pretendo pensar arpíllera como um bordado que tem continuidade com a vida social de mulheres. Para isso, lanço mão da Antropologia da Imagem e dos estudos de gênero para discorrer sobre os fluxos e transformações dos materiais, bem como os protagonismos das mulheres construídos a partir dos fazeres manuais. Assim, o trabalho problematiza o conceito de ‘imagem’, tendo como uma de suas guias a ‘grafia da vida’, ideias estas também discutidas no texto. A proposta é parte de minha pesquisa de doutorado que está em desenvolvimento.

**Palavras-chave:** Imagem. Arpíllera. Mulheres.

### Resumo expandido

Por entre as pernas um corpo negro e feminino sangra. A árvore e o hotel indicam a vida social que está de passagem, enquanto as casas das/os moradoras/es locais permanecem isoladas, mas ainda se mantêm como parte de todo o cenário tecido. Falamos aqui de uma peça do bordado arpíllera<sup>18</sup> e das nuances do cotidiano que ele deixa ver. Para a confecção de tal peça, os retalhos de tecidos foram aplicados à mão com os pontos de costura e bordado denominados “caseado” e “atrás”. Este bordado foi criado em dezembro de 2014 em Altamira, Pará, e exposto no Memorial da América Latina, em São Paulo, no final do ano de 2015.

O corpo que sangra é costurado com o objetivo de denunciar a violência sexual que vitimou uma menina de 16 anos. Ainda em 2014, ela fugiu da Boate Xingu – casa de exploração sexual localizada em Altamira<sup>19</sup>, também trazida na cena da arpíllera. Os homens representados na peça são trabalhadores que constroem a Usina Hidrelétrica de Belo Monte, iniciada em junho de 2011 e inaugurada em maio de 2016. Quando não estão no canteiro de obras, eles se deslocam para a área urbana de Altamira, maior município do Brasil (IBGE, 2010), que está na Região de Integração do Xingu, a sudoeste do estado do Pará.

<sup>17</sup> Bolsista da Fapesp, doutoranda em Antropologia Social pela Unicamp, mestra em Ciências Sociais e Humanidades, e comunicóloga. Trabalha com fazeres cotidianos buscando pensar processos manuais de criação de bordados, tecidos e costuras sem perder de vista relações de trocas entre mulheres, fluxos e transformações das peças. Perspectivas de gênero e de saberes decoloniais também são uma constante em seus estudos, que tendem para a construção de sociedades mais equânimes. Email: ralyanara@gmail.com

<sup>18</sup> Arpíllera é um termo em espanhol utilizado para nomear tecidos latino-americanos utilizados para ensacar batatas e arroz. No Brasil, um tecido semelhante a este é conhecido como juta. O termo *arpíllera* também nomeia a técnica de bordado e costura manual que utiliza, entre outros, a juta para sua composição.

<sup>19</sup> Também conhecida como baixo Xingu.



Os temas bordados apresentam aspectos da vida nessa região nos últimos anos. São desigualdades de gênero, violência sexual e degradação socioambiental os assuntos que essas peças denunciam. Trago estas informações por compreender que as mulheres que bordam, a prática de se bordar, e o bordado propriamente dito estão permeadas pelo contexto em que se inserem, não sendo possível pensar tais pontos isoladamente. Para Hans Belting (2012, p. 21), ‘imagem’ se coloca para além de um produto de nossa própria percepção. Com esta perspectiva, a imagem “surge como o resultado de uma simbolização pessoal ou coletiva”.

Aqui vale abrir um paralelo para trazer à discussão os ensinamentos de Suely Kofes (2015). Ao compreender as biografias como escrita da ‘vida’, e não do ‘eu’, a autora nos permite corroborar o conceito de ‘coisa’ e ir além: se a ‘coisa’ apresenta continuidade com a vida social e carrega biografia, então, em última instância, ela nada mais é que a grafia da vida. Além disso, chamo atenção para o protagonismo das mulheres na luta contra Belo Monte, por meio da confecção destes bordados, das denúncias que fazem das violências sofridas e ainda através do próprio cotidiano compreendido aqui a partir de Veena Das (2007), para quem a resistência e a vida se fazem no dia a dia.

### Referências Bibliográficas

- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Faleñas**. Ensaio sobre aparição. Lisboa: Imago, 2015.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sinopse preliminar do censo demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun., 2012.
- KOFES, Suely. Narrativas biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser? In: KOFES, Suely; MANICA, Daniela. **Vidas & Grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia**. Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ, 2015.
- DAS, Veena. **Life and Words: Violence and the Descent into the Ordinary**. Berkeley, University of California Press, 2007.